

## Nota prévia

Este livro corresponde, no essencial, à dissertação de doutoramento defendida no Instituto Universitário Europeu. Com excepção de dois capítulos que, devido à necessária economia de espaço, acabei por não incluir na versão publicada (mas para os quais remeti, sempre que considere necessário), ele mantém a mesma organização textual, incluindo, contudo, as actualizações bibliográficas que o período de quatro anos que mediou a defesa e a publicação necessariamente implica, assim como algum trabalho de edição.

Gostaria de voltar a recordar, nesta nota prévia, aqueles que, num e noutro momento, contribuíram para que ambos os trabalhos (dissertação e livro) fossem concluídos.

A António Manuel Hespanha e Kirti N. Chaudhuri, pela sua obra, pelos seus exemplos enquanto historiadores abertos, pela forma como foram capazes de multiplicar as minhas inquietações (apesar de, com alguma frequência, não se reverem nas minhas conclusões), devo o que há de mais problematizante e consistente nas páginas que se seguem. A marca de Fernando Bouza Alvarez, ainda que de uma maneira mais implícita do que explícita, é igualmente essencial, e o seu exemplo constitui, para mim, um luzeiro que teimo em seguir. Pelo estímulo, e pela leitura de partes da dissertação, Jaime Reis, por sua vez, revelou uma disponibilidade e generosidade que foram igualmente fundamentais para a sua conclusão. Já uma manhã partilhada com Paolo Prodi foi da maior importância para que eu pudesse consciencializar os limites da minha investigação, e abandonar algumas ingénuas e utópicas ideias (para me deixar prender, é certo, noutras, mas não por responsabilidade sua). Federico Palomo e Ines Županov são interlocutores especiais,

com quem tenho aprendido tanto que as palavras são insuficientes para o explicitar. Pedro Cardim, Catarina Madeira Santos e Cristina Nogueira da Silva também estão presentes no que há de bom nas páginas que se seguem, e do mesmo modo Isabel Seara, Carla Araújo, Nuno Senos, Joana Estorninho, André Belo, Rui Tavares, António Camões Gouveia e, mais recentemente, José Pedro Paiva, Íris Kantor, Marina Costa Lobo, Pedro Lains, Vítor Sérgio Ferreira. De variadas maneiras e em tempos distintos, Jean-Frédéric Schaub, Ronnie Po-Cha Hsia, Sanjay Subrahmanyam, Cristiana Bastos, Rosa Perez, Aldo Mazzacane e Diogo Ramada Curto deram-me a oportunidade de conviver com pessoas e leituras diferentes daquelas que, à partida, conheceria, para além de terem partilhado comigo, liberalmente, os seus saberes.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, e a École Française de Rome concederam-me bolsas de investigação que permitiram a concretização de várias partes deste projecto. Conteí, ainda, com o apoio do Instituto Universitário Europeu, em Florença, bem como dos colegas e amigos do Departamento de História do ISCTE, enquanto aí fui docente e, desde que ingressei no Instituto de Ciências Sociais, com um ambiente institucional, académico e humano de rara qualidade na comunidade científica. Ao Pedro Lains agradeço o facto de me ter incentivado a submeter o manuscrito à Imprensa de Ciências Sociais, à Clara Cabral, à Marta Castelo Branco, ao João Segurado, à Ana Cristina Carvalho e ao Manuel Coelho agradeço a paciência que tiveram na produção do livro.

Na Índia, a ajuda incansável das tias Carmita e Manuela, do José Damião e da Maria, do Filomeno Vieira e da Antónia, da Maria Edite, do Peter e da Lígia, do Joaquim e do Joey, dos padres Joseph Velinkar e Nascimento Mascarenhas, de Chandrakant Keni, e também dos directores dos Historical Archives of Goa, foi fundamental.

Os amigos «florentinos» (a seu modo, a minha outra família), e a família e amigos portugueses (dos quais fazem parte muitos dos antes referidos), deram-me o carinho e a amizade que nada substitui. A Madalena e o Steffen sabem que tudo isto, e tudo o mais acontece, em primeiro lugar, por causa deles.